

# Profissionais se preparam para novas demandas

Escritórios de advocacia e boutiques financeiras buscam parcerias e formam grupos de especialistas para aproveitar oportunidades de negócios

Schutt, da VGL: como o mercado de fusões e aquisições é pulverizado, haverá espaço para boutiques de menor porte, que dão atendimento personalizado aos investidores



**Luciano Feltrin**  
lfeltrin@brasileconomico.com.br

O acelerado interesse de investidores asiáticos pelo mercado brasileiro provoca reflexos imediatos na indústria de fusões e aquisições. Intermediários de negócios — escritórios de advocacia, empresas de auditoria e boutiques de investimento — se movimentam para dar conta da nova demanda. E entender os anseios dos novos clientes para não perder boas oportunidades.

A G5, casa independente de serviços financeiros, é um exemplo dessa corrida. Formalizou há um mês a parceria com o Mizuho Securities, um dos maiores bancos de investimentos japoneses. O objetivo é servir de ligação entre nipônicos e brasileiros interessados em negociar ativos dos dois países. “Somos a prova de que não é necessário ser um banco global para conseguir fazer negócios em todos os lugares. O importante é ter um parceiro com um bom time por lá e nós com o que temos de melhor por aqui”, diz um dos sócios da boutique, Carlos Gros.

Já o Tozzini Freire atende grande parte dos investidores coreanos interessados em comprar no Brasil. O Asian Practice Group, comandado pela coreana Shin Kim, conta com 5 sócios que falam a língua do país, 3 que falam mandarim e outros dois que falam o idioma japonês.

A mudança na geografia dos negócios envolvendo compra de empresas está surtindo efeitos também na formação acadêmica

**Maior parte do tempo necessário para fechar negócios com chineses no Brasil é consumida para explicar as diferenças entre leis dos dois países**

de especialistas em fusões. “As alterações no contexto global, que dão maior peso à economia asiática, vêm alterando a forma de pensar das maiores universidades americanas. É cada vez mais comum que advogados façam mestrado na Ásia, para aprender a forma deles de negociar”, afirma Paula Andrade, do escritório Tostes & Coimbra.

## Diversidade

Quando se trata de chineses, acostumados a um sistema particularmente híbrido, com componentes do capitalismo e do socialismo, o aprendizado está apenas no começo, explica Carlos Ascuitti, sócio da Ernst & Young. “O chinês é um investidor em plena maturação e ainda não compreende bem o ambiente regulatório externo.

## MAPA DO INVESTIMENTO ASIÁTICO NO BRASIL

Países da região ampliam compras de empresas no país



### CHINESES

■ São os mais adiantados no processo. Com necessidade de diversificar parte dos US\$ 2,4 trilhões de suas reservas, têm comprado fatias ou mesmo o controle de empresas dos setores de siderurgia, mineração, petróleo e gás para dar conta das demandas internas

### COREANOS

■ Vêm logo atrás do Dragão chinês e, ao contrário de seu gigante vizinho, estão atentos às boas oportunidades que o desenvolvimento do mercado brasileiro irá proporcionar. Estão interessados em ampliar sua presença no setor automotivo (montadoras de carros e motos) e querem participar da consolidação dos setores de tecnologia da informação e eletroeletrônicos. Também buscam terras e imóveis no país

### JAPONESES

■ Embora com a economia sangrando, mantêm o interesse em diversos setores. O fato de muitas empresas nipônicas terem fincado o pé no Brasil há muito tempo e de São Paulo ter a maior colônia de japoneses no exterior, sempre fizeram do país um mercado interessante

### MALÁSIA E INDONÉSIA

■ Investidores desses países estão debutando no Brasil. Negócios ainda são incipientes e devem ter como principal indutor o crescimento da economia brasileira

### ÍNDIA

■ Gigante como a China, ainda está mais atenta ao seu mercado interno

Fontes: escritórios de advocacia, empresas de auditoria, bancos e boutiques de investimento

O tema sempre toma boa parte das conversas com eles”.

Esse entendimento é ponto decisivo para que fechem um negócio. Em muitos casos, supera até mesmo possíveis discussões com relação ao preço da transação. “Os chineses temem a subjetividade ocidental. Já tive experiências de negócios em que houve mudança em um valor que tinha de ser considerado por uma questão ambiental. Quando no-

taram que montante envolvido variava muito, ficavam sem entender”, diz Daniella Tavares, sócia do Leite, Tosto e Barros.

Ainda em relação aos riscos, os chineses se preocupam bastante em saber quais setores são mais regulados pelo Estado. “Uma das primeiras perguntas que eles fazem é se há algum limite legal para comprar empresas de um ou outro segmento”, diz Christian Roschmann, sócio

do Lefosse. “Depois de ter comprado muitos ativos na África, os chineses foram à Austrália, que começou a fixar tetos para compras estrangeiras”, diz.

O escritório conta com um exército de cerca de 500 advogados na China. Os profissionais estão espalhados em escritórios em Hong Kong, Beijing e Xangai. E representam os interesses de investidores estrangeiros no país. No Brasil, alguns falam mandarim. ■